



A SERRA, A BRÁCTEA E O UTRÍCULO

As duas personalidades da Serra da Carqueira

Uma dualidade bizarra ocorre nesta serra, duas vertentes, dois mundos opostos em estreito contacto. Em menos de quinhentos metros tudo muda, como se tivéssemos um pé na Arrábida e outro no Gerês.

A VERTENTE MEDITERRÂNICA

Nesta vertente a paisagem é caracterizada por extensos matos - carrascais/tojais - formações vegetais tipicamente mediterrânicas, que ocupam nesta área da serra terrenos de natureza calcária. Em mosaico com estas formações ocorre uma diversidade de outros habitats com um elenco rico em espécies estritamente calcícolas.

Carrascais/Tojais

Estas formações aparentemente monoespecíficas são dominados por 2 espécies, *Quercus coccifera* (carrasco) e *Ulex densus* (tojo-gatunho). Esta última, um endemismo português cuja área de distribuição está confinada aos calcários do Centro-Oeste. A cobertura da vegetação é tão densa que o elenco florístico associado a estas comunidades é apenas perceptível ao perto, como por exemplo, as espécies *Lonicera etrusca*, *Smilax aspera*, *Rhamnus alaternus* ou *Olea europae* var. *sylvestris*. No sub-coberto destes matos há uma ausência total de espécies herbáceas, mas nas orlas e micro-clareiras surgem pequenas plantas que são favorecidas pelo incremento de radiação e pela protecção conferida pelas espécies arbustivas de maior porte (ensombramento, maior retenção de humidade no solo). *Silene longicilia* (endemismo português) e *Iris lusitanica* (endemismo ibérico) são duas plantas que podem ocorrer nestes nichos, ambas com estatuto de protecção no contexto da Directiva Habitats.



Prados rupícolas e lajes calcárias

Nas clareiras dos carrascais/tojais, em áreas pedregosas, desenvolve-se uma comunidade rica em pequenas plantas suculentas (*Sedum album* e *Sedum sediforme*), geófitos (ex. *Narcissus bulbocodium*, *Iris subbiflora*, *Valeriana tuberosa*), hemicriptófitos (ex. *Arabis planisiliqua*), terófitos anuais (ex. *Valerianella discoidea*) e alguns arbustos caméfitos, de pequeno porte (ex. *Teucrium polium*, *Ruta montana*). Tratam-se de espécies heliófilas adaptadas a viver sobre substratos rochosos e com uma camada muito incipente de solo.

Pontualmente afloram à superfície lajes de rocha horizontal com interstícios e fendas mais profundas ocupadas por vegetação rupícola (ex. *Ceterach officinarum*) e arbustiva (ex. *Smilax aspera*, *Asparagus albus*).



Prados de *Brachypodium phoenicoides* com orquídeas

Muito típicos da região Norte de Lisboa são os prados de *B. phoenicoides*, uma gramínea perene que domina em vastas extensões do território saloio. Nestes habitats vive uma diversidade enorme de pequenas plantas herbáceas das quais se destacam as orquídeas (géneros *Ophrys*, *Orchis*, *Barlia*, *Anacamptis*, entre outros), que atingem grandes abundâncias neste tipo de comunidades.



Estas comunidades formam-se em locais onde potencialmente poderia haver carrascais ou mesmo bosques de carvalho-cerquinho, e estão geralmente em mosaico com eles. A sua origem está de várias formas relacionada com o homem. Actividades como lavras ocasionais e pastoreio pouco intenso levam à formação e manutenção destas comunidades de grande valor. A intensificação de qualquer destas actividades conduz, porém, à sua destruição e substituição por outras comunidades ruderais de valor reduzido. Por outro lado, a ausência destas actividades permite reestabelecer a sucessão ecológica, o que se traduz numa alteração profunda da comunidade no sentido do tojal, carrascal ou bosque.

Bosquetes de carvalho-cerquinho

Nos vales e ao longo de ribeiras subsistem algumas manchas de carvalho-cerquinho que formam pequenos bosques com um subcoberto rico em espécies muito semelhante às comunidades arbustivas e herbáceas contíguas. Actualmente a área ocupada por este tipo de formações está muito reduzida e tendo sido gradualmente substituída por matos e matagais calcícolas.



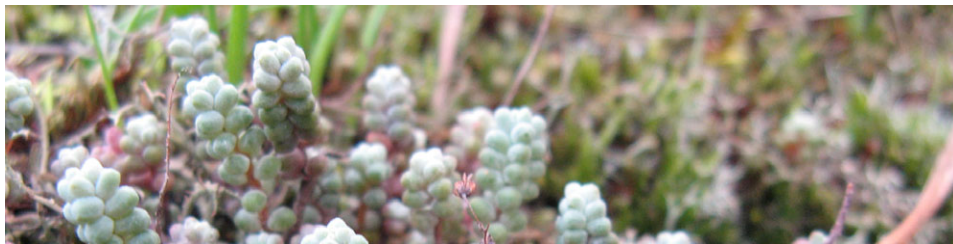
A VERTENTE ATLÂNTICA

A vertente Noroeste desta parte da serra possui condições muito especiais que contrastam abruptamente com a vertente Sudeste. O factor diferencial mais óbvio é o tipo de solo: aqui são solos areníticos, ácidos e pobres, que contrastam com os solos calcários e básicos da outra vertente. Directa ou indirectamente devido às características dos solos, existe uma disponibilidade hídrica muito elevada na parte arenítica, o que permite a ocorrência de uma flora com afinidade para os climas atlânticos.

Urzais/tojais de solos não compensados

Nos cabeços areníticos com solos pouco desenvolvidos e sem acesso a água subterrânea, encontra-se uma comunidade dominada por pequenos arbustos, com dominância de quatro espécies principais – *Quercus lusitanica*, *Calluna vulgaris*, *Erica umbellata* e *Ulex jussiaei* – e onde surgem variadas outras espécies de solos pobres e ácidos, como *Pterospartum tridentatum*, *Thymus villosus*, *Genista triacanthus*, *Cistus salviifolius*, *Lavandula stoechas*, *Stipa gigantea*, *Xolantha tuberaria* e pontualmente a

espécie rara *Halimium lasianthum*. A maioria destas espécies são espécies atlânticas, muito comuns no norte do país, e que no sul se refugiam em solos com capacidade de reter água superficial.



Urzais/tojais higrófilos

Quando a água subterrânea se encontra perto da superfície, embora sendo o mesmo tipo de solos que o habitat anterior, a comunidade apresenta-se diferente. Plantas bastante mais exigentes em termos hídricos aparecem, e são principalmente três – *Erica ciliaris*, *Ulex minor* e *Cistus psilosepalus*. Note que é frequente haver mistura entre esta comunidade e a anterior, quando existem condições intermédias.



Turfeiras e taludes de escorrência

Nalgumas zonas restritas, normalmente devido a cortes do solo aquando da construção dos caminhos, a água subterrânea aflora à superfície e escorre pelos taludes, acumulando-se nas zonas baixas. Nestas condições onde a água se acumula, encontra-se um dos habitats mais valiosos da Serra da Carregueira, as turfeiras de esfagno – um musgo (raro nas nossas latitudes) que cresce em almofadas compactas em zonas

encharcadas. Sobre estas almofadas podem ser encontradas duas espécies importantes, a raríssima gramínea *Agrostis juresii* e a rara *Wahlenbergia hederacea*. A dominar esta comunidade, encontra-se uma gramínea de grandes dimensões *Molinia caerulea*, e com muita frequência aparece também *Lobelia urens* que pode ser vista em flor ainda no Verão.

Os taludes de escorrência encontram-se normalmente cobertos por dois fetos – *Blechnum spicant* e *Osmunda regalis* – sendo o primeiro muito raro na região de Lisboa, e sendo este um dos únicos sítios onde ocorre. Nalguns locais de escorrência pode também ser encontrada a planta carnívora *Pinguicula lusitanica*.

Estas turfeiras são provavelmente as únicas e últimas existentes na região de Lisboa. O principal responsável por estas comunidades – o esfagno – ao que parece já se extinguiu em Sintra há várias décadas, mas ainda subsiste nalguns locais desta serra. A abundância com que ele se encontra nestas turfeiras é surpreendente, e faz delas locais cruciais para a conservação.



Bosques com castanheiro

Na zona mais baixa da parte arenítica da serra, perto das turfeiras e também associados a uma elevada disponibilidade hídrica, surgem bosques onde dominam *Castanea sativa* e *Quercus pyrenaica*, havendo nos estratos mais baixos dominância de *Frangula alnus*. Estas três espécies, especialmente a última, são muito raras no sul do país, na região mediterrânica. Por vezes podem também ser encontrados indivíduos dispersos de *Quercus robur* e *Sorbus aucuparia*, também duas espécies raríssimas no sul. Ao nível das herbáceas, é de realçar a presença de *Polygonatum odoratum*, um habitante dos bosques atlânticos.

Perante estes factos, torna-se óbvia a enorme importância desta pequena zona da serra, que representa um fragmento do norte do país “enclavado” no sul, o que talvez se pudesse chamar uma relíquia.





Sphagnum sp.



Pinguicula lusitanica



Wahlenbergia hederacea



Erica ciliaris



Polygonatum odoratum



Leuzea longifolia